

Histórias do jornalismo cultural: o primeiro ano do Caderno de Sábado

Cida Golin

Resumo

O Caderno de Sábado (1967- 1981), foi um marco na trajetória do jornalismo cultural e na visibilidade da produção artística no sul do País. Documento significativo para a compreensão de uma época, o suplemento do *Correio do Povo* (RS) constituiu-se num veículo de exercício sistemático do ensaio e da crítica. O presente artigo oferece uma panorâmica sobre as principais tendências verificadas no primeiro ano do suplemento, de 30 de setembro de 1967 a 28 de setembro de 1968. A pesquisa faz parte do projeto Memória Cultural desenvolvido pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS, POA, RS) com o propósito de resgatar a crítica de arte e perspectivas do sistema cultural em fontes primárias e secundárias.

Palavras-chave:

Caderno de Sábado/Correio do Povo - jornalismo cultural

Abstract

The Caderno de Sábado (1967 - 1981) was a reference in the history of cultural journalism and also in the practices of publicizing artistic production in the southern region of Brazil. It became an important instrument of essay and systematic critique in that period. This paper offers an overview of the most important tendencies of the *Caderno de Sabado* in its first year of existence, from September 30, 1967 to September 28, 1968. This reaserch integrates a project on Cultural Memory developed in the Art Museum of Rio Grande do Sul, which seeks to recuperate the critique of art and the perspectives of the cultural system in primary and secondary sources.

Key-words:

Caderno de Sábado/Correio do Povo - cultural journalism

O caderno da Caldas Júnior

Os suplementos culturais, sobretudo os de finais de semana, carregam consigo uma lógica de lazer. Se são oferecidos para uma ocupação inteligente de um tempo supostamente livre, associando reflexão ao descanso, criam com o leitor vínculos de afeto e identidade. Mais do que uma escolha, a leitura prazerosa dessas páginas semanais se transforma em hábito. O caderno aqui iluminado foi motivo de muitos telefonemas entre seus colaboradores nas tardes porto-alegrenses de sábado. Substituiu as duas páginas literárias semanais do *Correio do Povo* organizadas por Carlos Reverbel.¹ Entre os anos 50 e 60, o jornalista tratara de acomodar naquelas duas páginas o máximo possível de matérias. A solução para tanto texto e pouco espaço foi o *Caderno de Sábado*, um caderno exclusivo, editado por Paulo Fontoura Gastal (P.F. Gastal) e Oswaldo Goidanich.² Conta o anedotário da empresa Caldas Júnior que o diretor Breno Caldas passou pelos jornalistas no corredor e desengavetou um projeto antigo numa noite de quinta-feira: “Lembram daquela idéia de um suplemento cultural? Podem fazer a partir deste sábado”.³

No atropelo veio à tona o *Caderno de Sábado*, dez anos após o último número da *Província de São Pedro*, revista cultural porto-alegrense que ganhou projeção nacional pelo selo da editora Globo. Durante 21 números, a partir de 1945, A *Província* conquistou com rigor seu prestígio entre a geração de intelectuais sulinos, abrigando, sob os cuidados do editor Moysés Vellinho, escritores e intelectuais como Clarice Lispector, Cecília Meireles,

Sérgio Buarque de Holanda, Nelson Werneck Sodré ou Antonio Candido. A Globo, que fez circular no mercado editorial brasileiro excelentes traduções de Thomas Mann, Virgínia Woolf, Faulkner, Proust e Balzac, também manteve durante 38 anos o quinzenário *Revista do Globo*, concorrente de *O Cruzeiro*. Refletindo o movimento de derrocada da empresa nos anos 60, o magazine parou de circular na 944ª edição,⁴ em 1967, justamente quando o encarte cultural da Caldas Júnior começa o seu percurso.

No contexto nacional, o *Caderno de Sábado* apareceu uma década depois dos influentes suplementos literários dos principais jornais diários de São Paulo e Rio de Janeiro, em especial do *Estado de São Paulo* e do *Jornal do Brasil*, todos dos anos 1950, mas que consolidariam a década de 1960 como um período memorável pela profusão de cadernos literários e afins. Neste período, o país vive um processo acelerado de urbanização, consolida sua indústria de bens culturais, justificando a convivência de suplementos literários com a publicação diária da editoria de artes e cultura.⁵ Como descreve Alzira Abreu, que estudou periódicos de meados do século XX, tais espaços se constituíam numa rede de sociabilidade. Juntamente com os cafés, editoras e as revistas literárias, permitiam a estruturação do campo cultural na medida em que refletiam alianças fraternas, o exercício de influências, antagonismos, rivalidades, as cisões e o encontro de gerações de intelectuais.⁶

Um depoimento de Décio de Almeida Prado, que o crítico Antonio Candido levou para dirigir o concorrido suplemento

¹Jornalista e historiador gaúcho.

²CARVALHAL, 1994: 10

³GASTAL, 1996: 259.

⁴RAMOS, 2004.

⁵GADINI, 2003: 81

⁶ABREU, 1996: 23.

literário do *Estadão*, sintetiza a receita aplicada à maioria dos cadernos nacionais para atender aos setores letrados das classes médias urbanas, configurando um conceito erudito de cultura e um leitor refinado:

“Não exigiremos que ninguém desça até se pôr à altura do chamado leitor comum, eufemismo que esconde geralmente a pessoa sem interesse real pela arte e pelo pensamento. (...) Uma publicação que se intitula literária nunca poderia transigir com a preguiça mental, com a incapacidade de pensar, devendo partir, ao contrário, do princípio de que não há vida intelectual sem um mínimo de esforço e disciplina”.⁷

Quando o *Caderno de Sábado* foi lançado, o polemista Paulo Francis coordenava o *Quarto Caderno*, que deu prestígio ao *Correio da Manhã*, transformando suas páginas de cultura num espaço de influência, opinião e acirrados debates. Em 1969, Francis já estaria no jovem *Pasquim*.⁸ Havia também, nesse período, a importante *Revista do Livro* (1956-1970); a revista *Civilização Brasileira* que, entre 1965 e 1969, foi o cenário dos embates entre a esquerda reformista e a revolucionária e veículo de divulgação de Walter Benjamin, Louis Althusser, Eric Hobsbawm e Theodor Adorno. A revista *Realidade* significou outra forte referência na área da grande reportagem, agindo num período complexo, em que a insegura liberdade de expressão servira à expansão das atividades culturais marcadas pelo radicalismo.⁹

O *Caderno* encerra sua trajetória no início dos anos 80, justo num período de

mudanças significativas na imprensa cultural brasileira. Angela Prysthon, ao estudar a *Ilustrada* e o *Folhetim* (ambos da *Folha de São Paulo*) entre 1980 e 1989, mostra como um reduto, até então dominado por literatos e intelectuais acadêmicos, transformou-se num espaço publicitário rentável, agitado, que forneceu elementos para a identificação da classe média com a estética pós-modernista, ou seja, cultura alta e baixa, Shakespeare e Xuxa, expansão e concorrência agressiva do mercado de bens culturais, prioridade ao que é capaz de atrair grandes audiências. Concorrente direto, o *Estadão* lançou o *Caderno Dois* em 1986, mesmo ano do surgimento do *Idéias do Jornal do Brasil*. Vários periódicos de menor alcance tiveram o projeto gráfico e o estilo da *Ilustrada* como paradigmas. A crítica, dirigida ao serviço e à orientação do leitor, intensificou o tom mais coloquial, e paradoxalmente, mais sofisticado em códigos cifrados.¹⁰

A transformação em colecionável

O *Caderno de Sábado* foi um instrumento de comunicação e de representação do seu tempo. Pelas suas páginas é possível traçar uma perspectiva de como a inquietação do final de 1967 e do emblemático 1968 eram refletidas e reconstruídas no periódico. Por meio das 16 páginas semanais, que, eventualmente, cresciam para cadernos de trinta e duas, visualiza-se um microcosmos cultural e literário, dimensões da vida urbana e suas relações de poder, pontilhando um sistema de referências comuns, espaço de conservação ou de subversão refratada.

⁷ PIZA, 2003: 37.

⁸ PIZA, 2003: 36; VENTURA, 1988: 59.

⁹ FARO, 1999: 57.

¹⁰ PRYSTHON, 2001.

O primeiro número abre com um elemento que se tornaria sua marca registrada: logotipo discreto e uma epígrafe no canto superior à esquerda, destacando algum texto da edição. Ao contrário das seguintes - que privilegiam o diálogo entre uma imagem e uma poesia -, a capa número 1 apresenta, quase como um manifesto, uma crônica de Clarice Lispector, na época recém contratada pelo *Jornal do Brasil*. Nesse texto, in-titulado *Para os ricos que também são bons*, Lispector faz uso de uma en-trevista com um famoso neurologista, defendendo as possibilidades incipientes do desconto fiscal para a prática do mecenato. Os textos de Clarice chegam à redação gaúcha por meio do *Jornal do Brasil*, onde a conhecida escritora havia estreado como cronista a convite do jornalista Alberto Dines. Até então, ela havia experimentado a redação, a repor-tagem e colunas femininas em períodos alternados.

Nos primeiros números, é visível a combinação entre ciências e artes que dará o tom da publicação, aberta para pautas que vão da literatura, artes plásticas à filosofia, passando pela política internacional e questões urgentes daquele período histórico como as mudanças na estratégia pastoral da Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II, ou a corrida espacial da Guerra Fria. O caderno expande a tradicional função literária. Corroborava aquilo que Jorge Rivera apresenta como típico do jornalismo cultural: a complexidade do território, a coexistência de textos distintos, com ênfase para materiais analíticos.¹¹

Algo que se tornou comum no suple-

mento da Caldas Júnior, e que também foi responsável pela sua transformação num colecionável (como avisa a edição de 22 de junho de 1968 ao promover uma indexação rigorosa dos cadernos a pedido dos leitores), foram os textos publicados em série, uma solução para superar o espaço prisioneiro de um jornal tablóide. Temos, em 1967, a divulgação do estruturalismo em três ensaios seguidos de Merleau-Ponty sobre Lévy-Strauss ou um ensaio de Althusser dividido em duas edições. Sabe-se que *Eros e civilização* de Marcuse e *A revolução na revolução* de Régis Debray foram livros de cabeceira dos intelectuais durante a primeira fase da ditadura militar; entre 1964 e 1968 houve uma divulgação significativa de autores de viés marxista como Lukács, Goldman, Althusser e Marcuse, os três últimos presentes não só como tema, mas também como articulistas do *Caderno*. Filósofos e professores gaúchos colaboram na publicação, assinando séries temáticas sobre fenomenologia (Ernildo Stein) e linguagem a partir de Sartre (Gerd Borheim).

A insistência no olhar sobre o Sul, com ênfase na vida cultural de Porto Alegre das primeiras décadas do século XX, é assunto freqüente num tempo em que o gancho factual não era algo obrigatório mesmo para um suplemento jornalístico. Gancho que, hoje, escraviza esse tipo de publicação à lógica do furo e da concorrência, inibindo muitas vezes a possibilidade criativa do gênero. O jornalista e ensaísta Sérgio Augusto, ao folhear cadernos de 30, 40 anos atrás, surpreende-se: eles tinham a mesma data, mas eram

¹¹ RIVERA, 1995.

tão diferentes nas pautas que pareciam circular em cidades diferentes. “A imaginação ainda estava no poder e a liberdade de criar também”.¹² Ou seja, sucedem-se em maio de 1968, quando o *Caderno* parece respirar uma diagramação mais arejada (e o *Jornal da Tarde* já circulava desde 1966 oferecendo um novo conceito visual para os leitores), mais de 8 artigos sobre a transformação do potreiro da Várzea em Parque Farroupilha (origem do tradicional parque da Redenção na capital gaúcha), além de várias edições de página central do dicionário do Partenon Literário, agremiação de intelectuais sulinos do século XIX. Na tensão entre as funções do jornalismo e da especialização, vigoram critérios de memória, bem mais do que o imperativo da atualidade.

Cruzamento das gerações

A imprensa especializada atua como um dos locais de legitimação ou de reavivamento do cânone literário. O cruzamento das gerações é visível no caderno de P.F. Gastal, tanto que o grupo modernista dos anos 20, ainda atuante no final da década de 60, demonstra seu poder simbólico e sua influência no sistema local. A geração de Érico Veríssimo está consolidada e exerce, naquelas páginas, uma particular relação com o passado de Porto Alegre. Seguem-se textos descritivos sobre os saraus literários do Clube Jocotó, a famosa visita do modernista Guilherme de Almeida a Porto Alegre, ou mesmo o perfil do poeta e diplomata gaúcho Theodemiro Tostes por Walter Spalding.¹³ Encontramos nos dois primeiros volumes do *Caderno* as anotações

em série das viagens de Raul Bopp.¹⁴ O percurso que o ensaísta e advogado Moyses Vellinho fez à Europa em 1967 rendeu, também, várias crônicas. Ambas as séries se transformaram em livros. Na época, Vellinho, fundador da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa), era o único gaúcho participante do Conselho Federal de Cultura instituído em março de 1967. Nesse Conselho estavam Câmara Cascudo, Afonso Arinos, Burle Marx, Ariano Suassuna, Josué Montello, Gilberto Freire, Raquel de Queiroz e Guimarães Rosa.

A morte prematura do escritor Guimarães Rosa aparece no *Caderno* de forma fragmentada. Não houve uma edição especial como àquelas oferecidas aos poetas García Lorca ou Paul Claudel em agosto de 1968. A morte é registrada somente seis dias depois, no suplemento de 25 de novembro de 1967 por meio de um artigo e de poemas, entre eles *Elegia para Guimarães Rosa* de Armindo Trevisan. No sábado seguinte, mais uma matéria de uma página repercutindo a morte e um belo depoimento sobre o autor de *Grande Sertão: Veredas* por Theodemiro Tostes. O autor lembra das vivências de ambos no Itamaraty, do quanto Rosa preferia falar de Rilke às atrocidades do nazismo, das brincadeiras com a língua germânica, dos desenhos, da paixão pelos gatos, as traduções e o reconhecimento internacional do autor brasileiro.

Se o século XX caracterizou-se pelo paulatino desaparecimento da crítica literária dos jornais, seu confinamento na Universidade e a sua substituição pelas resenhas¹⁵, um serviço de caráter mais

¹² AUGUSTO, 2001:350.

¹³ Theodemiro Tostes (1903-1986), poeta, jornalista, tradutor e diplomata. Walter Spalding, historiador.

¹⁴ Raul Bopp (1898-1984) foi poeta, jornalista e diplomata, vinculou-se ao Modernismo primitivista.

¹⁵ Cf. ABREU, 1996: 36; TRAVANCAS, 2003.

utilitário, o que se vê no *Caderno de Sábado* é um movimento contrário. Em março de 1968, por exemplo, o poeta Walmyr Ayala, articulista freqüente, tem espaço para escrever um ensaio sobre *A maçã no escuro* (1961) de Clarice Lispector que, pelo tamanho, precisou ser distribuído em 6 suplementos. Não há economia em relação à densidade interpretativa. Os autores exercitam as características básicas do ensaio, a liberdade estilística e de pensamento, num esforço para pensar o original.

Crônicas e poesia

Lispector, cuja coluna abriu o *Caderno*, espalha no suplemento sopros de delicadeza e intimismo. Acompanhar o percurso de cronista de Clarice Lispector, nesta fase, é participar de uma longa e bela reflexão sobre o processo criativo. A autora partilha sua angústia com os leitores:

Ser cronista

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Na verdade eu deveria conversar a respeito com Rubem Braga, que foi o inventor da crônica. Mas quero ver se consigo tatear sozinha no assunto e ver se chego a entender. Crônica é um relato? É uma conversa? é o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos. Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo. Um amigo que tem voz forte, convincente e carinhosa, praticamente intimou-me a não ter medo. Disse: escreva qualquer coisa que lhe passe pela cabeça, mesmo tolice, porque coisas sérias você já escreveu, e to-

dos os seus leitores não de entender que sua crônica semanal é um modo honesto de ganhar dinheiro. No entanto, por uma questão de honestidade para com o jornal, que é bom, eu não quis escrever tolices. As que escrevi, e imagino quantas, foi sem perceber.

E também sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo. Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme. Não é que me desagrade mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que então viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque isto é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? Fazer passar uns minutos de leitura? E outra coisa: Nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com o leitor. Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado. Vou dizer a verdade: não estou contente. E acho mesmo que vou ter uma conversa com Rubem Braga porque sozinha não consegui entender.¹⁶

Na medida em que se indaga sobre a narrativa dos sábados, que de algum modo a obriga *a dar-se mais a conhecer* ao leitor, a escritora vai tecendo fragmentos de crônicas, pensamentos, anotações, delineando personagens do cotidiano, trazendo as impressões do público para a coluna (melhor, para a conversa),

¹⁶ Ser cronista, texto publicado no *Caderno de Sábado de 15 de junho de 1968*.

citando leitores do Sul, de Santa Maria, de Bagé. Busca dominar o ofício de cronista ao transitar entre o texto literário, de procedimento artesanal, e a escrita em formato industrial, com tamanho, prazos e objetivos definidos. Explicita em fragmentos sua paixão pela escrita e pela língua portuguesa.

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousem transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la - como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope.¹⁷

Muitas dos trechos vão transitar para livros. Como reconhecem seus especialistas, Clarice Lispector reunia “anotações esparsas, amarrando-as como um livro”.¹⁸ Reconhecem ali, na coluna de sábado, contos e trechos de romances.

(...) Por que é que eu escrevia com as entranhas e neste momento estou escrevendo com as pontas dos dedos? É um pecado, bem sei, querer a carência. Mas a carência de que falo é tão mais plenitude do que

essa espécie de fartura. Simplesmente não a quero. Vou dormir porque não estou suportando este meu mundo de hoje, cheio de coisas inúteis. Boa noite para sempre, para sempre. Até sábado que vem. E não me respondam: não quero ouvir a voz humana.¹⁹

A presença de Lispector investe o suplemento de alto teor poético. Na mesma página, ganha a companhia de Mario Quintana e sua coluna *Do Caderno H*. Os editores, por sua vez, não hesitam em espalhar poesia no suplemento para além do já consagrado espaço de capa. Reafirmam o espaço jornalístico como lugar de produção e não somente da visibilidade do produto literário. Quintana, colega de redação, é um pólo catalisador. Para ele, dirigem-se cartas em versos, cartas de Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Armindo Trevisan. A poesia ganha espaço em formato de *box*, versos emoldurados em meio aos tijolões de textos, ou dialogando com ilustrações e gravuras. Entre nomes consagrados, uma nova geração de autores gaúchos vai se firmando: Carlos Nejar, Lya Luft, Luiz de Miranda, Paulo Hecker, José Paulo Bisol, Miriam Gomes de Freitas. É possível visualizar a emergência de uma história da poesia nas páginas do *Caderno*. Segundo o editor P.F. Gastal, os originais passavam pelo filtro de colegas de redação, Pio de Almeida, Paulo de Gouvêa e pelo crítico e professor Guilhaermine César que, depois, assumiu a influente página 3.²⁰ Ser publicado no caderno, que ganhou o Jabuti de melhor suplemento cultural, implicava em disputa e prestígio no meio cultural local.

¹⁷ Declaração de amor, *crônica publicada no Caderno de Sábado em 11 de maio de 1968*.

¹⁸ *Clarice jornalista: o ofício paralelo*. In: *Cadernos de Literatura Brasileira, edição especial, n. 17 e 18, dezembro de 1984, dedicada à Clarice Lispector*.

¹⁹ *Publicado em 14.09.1968, Caderno de Sábado*.

²⁰ FONTOURA, 1996: 259.

Inquietação refratada

O comportado *Caderno* da Caldas Júnior nasce num período de pura irreverência. O Tropicalismo já abriera clivagens estéticas em diversos territórios. 1967 foi o ano de *Cinema Novo*, com o lançamento de *Terra em transe* de Glauber Rocha, da obra *Tropicália* de Hélio Oiticica na exposição Nova Objetividade (MAM-RJ), da peça *O rei da vela*, encenada numa montagem provocadora do *Teatro Oficina*, e do lançamento de *Quarup* de Antônio Callado.

Em setembro de 1967, Porto Alegre possui um circuito cultural significativo: 32 cinemas divididos em 13 bairros, apresentando desde os sucessos de *E o vento levou* ou *Coração de luto* de Teixeira até *Todas as mulheres do mundo* com Leila Diniz, passando por títulos de Anselmo Duarte, Oduvaldo Viana Filho e Vitorio Gassmann. Há teatros tradicionais como o São Pedro (que abriga o jovem Museu de Arte do Estado) e salas recentes e bem equipadas como o Teatro Leopoldina. Apesar da crise econômica que assola a produção local, segundo comentário do crítico teatral Renato Gianuca²¹, a temporada recebe grupos de fora (Cacilda Becker & Valmor Chagas, Bibi Ferreira, Teatro de Marionetes de Paris, entre vários outros). Na primeira semana de outubro de 67, a capital ganharia o teatro de Arena, espaço de resistência à ditadura militar, que estréia com *Santo Inquérito* de Dias Gomes. Há poucos museus, mas o grande número de galerias de arte dá conta de uma geração emergente de artistas (Yeddo Titze, Fuhro, Stockinger, Gutierrez e Stockinger), produção esta que ganha visibilidade em certames como o III Salão Cidade de Porto Alegre. A mú-

sica erudita confirma sua tradição entre o público com uma agenda diversificada (em destaque o recital da pianista brasileira Madalena Tagliaferro), assim como as escolas e companhias de dança locais são assíduas nos teatros da cidade.

Se esse tempo abrigava uma geração acostumada aos livros e que vivia a moda da leitura dinâmica, viver em 1967 e 1968 era também partilhar cinema e os festivais de música. Ao descrever um cenário muito vinculado à influência carioca, o jornalista Zuenir Ventura resume que, naquele período, tudo poderia ser dividido em dois, tudo poderia rachar, novo ou velho, violão ou guitarra, Chico Buarque ou Caetano Veloso.²² Nas páginas do *Caderno*, a repercussão do III Festival da Música Popular Brasileira (Teatro Paramount, São Paulo, outubro de 1967) aparece em 3 ensaios seguidos de Hilário Dick, uma reflexão mais literária, centrada no conteúdo das letras, buscando captar nas 36 canções finalistas a inquietação e a diversidade do Brasil de então, preocupação típica dos intelectuais na sua necessidade de conhecer o País. (O Brasil que desperta, que gira, que caminha, que sente saudades e que espera, o Brasil que volta).²³

A inquietação do emblemático maio de 1968 aparece sob o prisma narrativo do editor de internacional. A.R. Schneider procura orientar o leitor sobre as condições sociais da França, sua posição delicada no Mercado Comum Europeu e no cenário da Guerra Fria e do Vietnã, as disputas políticas do ano eleitoral francês, a cisão entre os estudantes e os operários na primavera de Paris. As legendas do suplemento pontuam, com leve ironia, acontecimentos

²¹ cf. *Teatro de Arena: a coragem solitária* de Renato Gianuca. Correio do Povo, 8 de outubro de 1967, p. 20.

²² VENTURA, 1988.

²³ *Ensaio publicado nos Cadernos de Sábado de 2, 16 e 23 de dezembro de 1967.*

como a noite do dia 10 de maio, que resultou em 367 feridos e 468 prisões em Paris. A legenda de uma das fotos sublinha: “Victor Hugo olha melancolicamente, da sua estátua no pátio interno da Sorbonne, a agitação estudantil que traumatizou a Universidade”.²⁴

Da repressão no Brasil e das agitações do movimento estudantil, apenas alusões. Entre 20 de junho de 1968 - a sexta-feira sangrenta que vitimou quatro estudantes e fez centenas de presos no Rio de Janeiro, seguida pela *Passeata dos 100 mil* em 26 de junho - e as greves de Osasco em julho, a voz de Clarice Lispector.

A autora, junto com pelo menos 300 intelectuais e artistas, havia se engajado nas manifestações coletivas de protesto à ditadura militar que começara a apertar o cerco:

Os estudantes, que estão nascendo para a vida, não querem mais o mundo em que vivemos e que apodrece a olhos vistos. Suponho que eles querem uma humanidade mais igualada por um socialismo adequado a cada país. Não pretendem importar o socialismo inglês que tem a sua rainha: nós teríamos um socialismo com as portas das igrejas abertas ao povo, com escola e samba, com o magnífico espírito brasileiro pois nós somos de um material humano de primeira classe.²⁵

Ao percorrer o primeiro ano do *Caderno de Sábado*, percurso realizado de forma preliminar, é possível encontrar um prisma de circulação das tradições crítico-teóricas e uma legitimação de gêneros literários como a poesia em diálogo assíduo com as artes visuais. Per-

cebe-se ali o movimento dos grupos em disputa pelo espaço, seja na aparição de novos autores no circuito local, seja no referendo a cânones constituídos e no poder de uma geração ainda hegemônica como a dos anos 20. Sabe-se o quanto o *Caderno*, ao longo de quase 20 anos, foi decisivo para o lançamento de escritores e para a visibilidade de sua produção.

Ao surgir num período de extrema efervescência, de rompimento de paradigmas culturais, o suplemento começa a construção de sua identidade com um jeito muito sulino: olhando para si, para sua aldeia, ao mesmo tempo em que absorve, com parcimônia, as novas idéias de então. Cumpre, sim, a função do jornalismo cultural, detecta tendências, filtra com sensibilidade alguns dos melhores expoentes do pensamento internacional, favorece e estimula a produção literária e o circuito de leitores. Imprime também algo paroquial em suas páginas, cede espaço para temas de dimensão local e restrita numa tensão produtiva entre o cosmopolita e o provinciano. Em outubro de 1968, a Feira do Livro de Porto Alegre, tradicional evento literário da capital, escolheu como patrono Francisco Antônio Caldas Jr. (1868-1913), fundador do *Correio do Povo*.²⁶ A homenagem destinava-se sobretudo a seu filho, Breno Caldas, poderoso diretor da principal empresa de mídia da época, cujo apoio era decisivo para o sucesso de cada empreendimento cultural, da compra de um piano novo para o Theatro São Pedro à consolidação do Festival de Cinema de Gramado.

²⁴ Edição de 25.05.1968, Caderno de Sábado, p.4.

²⁵ Publicado em 06.07.1968, Caderno de Sábado.

²⁶ FISCHER, Luís Augusto, 2004.

Ao dirigir-se ao leitor ideal, sofisticado e nada preguiçoso, o *Caderno* ofereceu excelência para a disciplina ditada por Décio de Almeida Prado. Estabeleceu horizontes de formação cultural, atingindo gerações de leitores. Restaria, e isso seria uma conversa fascinante, indagar deles o quanto o suplemento da Caldas Júnior, fazendo do sábado um dia de pensamento e contemplação, ajudou-os na leitura como ato de decifrar e descobrir o mundo.

Sobre a autora

Cida Golin é Doutora em Letras pela PUCRS, professora nas áreas de jornalismo cultural e rádio na Universidade Rio Grande do Sul). Autora de Mulheres de escritores: subsídios para uma história privada da literatura brasileira (Annablume/Educs, 2002).

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves et al. **Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
AUGUSTO, Sérgio. **Lado B**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, Instituto Moreira Salles, edição especial, n.17 e 18, dezembro de 1984.
CADERNO DE SÁBADO. *Correio do Povo*, 30 de setembro de 1967 a 28 de setembro de 1968. Porto Alegre: Acervo margs, v.1 e 2.

CONTINENTE SUL-SUR. *Revista do Instituto Estadual do Livro*, n.2, 1996.

CORREIO DO POVO. Coleções, setembro e outubro de 1967 e agosto e setembro de 1968. Porto Alegre.

FARO, J.S. **Revista Realidade 1966-1968**: Tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Ulbra/AGE, 1999.

FISCHER, Luís Augusto. **50 anos de feira do livro**: Vida cultural em Porto Alegre 1954 - 2004. Porto Alegre: LP&M, 2004.

GADINI, Sérgio. **A cultura como notícia no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do RJ/Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

GASTAL, P.F. **Cadernos de cinema de P. F. Gastal**. Organização de Tuio Becker. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

PRYSTHON, Angela. **La invención de um Brasil posmoderno**: el periodismo cultural em los años 80. Montevideo: Cd-rom EMPECOM, 2001.

RAMOS, Paula. **Da província para o mundo**: as capas da *Revista do Globo*. *Conexão, Comunicação e Cultura*. Caxias do Sul: UCS, v.3, n.5, 2004.

RIVERA, Jorge. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não acabou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.